



José Cardoso Pires

A Universidade do Tremoço

Senhor Queiroga da minha infância, o primeiro criador de arte que eu encontrei ao vivo. E eis que, passados vinte e tal anos ou coisa assim, vou encontrá-lo na Universidade do Tremoço, ladino e batido pelo tempo, a contar com um humor sabidérrio os naufrágios bem sucedidos e as muitas manigâncias que lhe permitiam sobreviver no pântano dourado do Lumiar dos Pais Tiranos.

NO TEMPO EM QUE os animais falavam e as plateias adormeciam, o cinema português era uma macacada de pátio das cantigas com Camões à mistura e polícias de Salazar disfarçados em canários de janela. Era uma Oitava Arte comandada por um lagarto de dente à solta chamado Lopes Ribeiro (António) e cuja obra, premeditadamente patriótica, se estendia desde “A Revolução de Maio” e “O Feitiço do Império” a diversas epopeias inspiradas nas visitas presidenciais aos pretos e ao Estádio Nacional, com passagem por “Angola, uma Nova Lusitânia”, pelas “Ilhas Crioulas, Berço do Império”, e por outras “Gentes Que nós Civilizámos” como quem não quer a coisa.

Com tantas explorações e mestiçagens nacionalistas, o Lopes Ribeiro António ficou um tanto encardido, mas, num arrependimento portuguêsíssimo que só lhes ficou muito bem, alguns cineastas inexplicáveis branquearam-no depois de morto, elegendo-o “pai do cinema português”, certamente por alusão ao “Pai Tirano”, que foi uma das obras mais sensíveis da sua carreira.

Ribeiro, o Pai Tirano numa arte que se queria implacavelmente lusitana e em faz-de-conta universal, não deixou filhos que

lhe herdassem o talento nem isso seria possível. Enquanto ele negociava a sua Oitava Arte pelos “lobbies” mais prostibulares do Estado Novo, os jovens realizadores fugiam-lhe da sombra a sete pés e discutiam os primeiros projectos de salvação às mesas do Vává, na Avenida dos Estados Unidos, ou da Cervejaria Ribadouro, quase à porta do Parque Mayer. “Verdes Anos”, aqueles que Paulo Rocha aprendeu nessa tertúlia da Lisboa Nova;

“Belarmino”, o anjo injustiçado que Fernando Lopes soube desvendar com tão inteligente simplicidade, Avenida abaixo, Avenida acima, e nos seus diálogos nocturnos naquela cervejaria juncada de cascas de tremoço.

Ribadouro. “Isto não é uma cervejaria, é uma baía de cascas de tremoço pelo chão com canecas à deriva”, está na “Balada da Praia dos Cães”. “Chulos do Parque Mayer e arredores a atacarem o fastio na perna da boa santola. Cheiro a malte e a fermento, e a espuma a crescer. Tremoço ao desperdício por dá cá aquela cerveja.”

Universidade do Tremoço, chamava-se àquilo. A um canto, Fernando Lopes, José Fonseca e Costa, Fernando Matos Silva e Perdigão Queiroga, decano sempre-jovem das fintas e tropelias do cinema do Lumiar, essa coutada de pais tiranos que só lá para os fins dos anos 60 tolerou a passagem pelos estúdios a alguns jovens realizadores. Acreditem, ainda hoje, quando passo por aquele rés-do-chão da Avenida da Liberdade e vejo montes de santolas e lagostas a chamarem-me à janela com as patinhas, é como se lá dentro se encontrassem ainda os cineastas rebeldes dos anos negros num outro diálogo de insubmissão, embora

desta vez livre e frontal. Penso em Carlos Oliveira que também lá podia estar, em António Pedro numa das suas fugas ao Teatro Experimental do Porto, em Fernando Gusmão ou em Manuel Jorge Velloso, um silencioso que dialogava, em “hot-jazz” com encantamento e paixão.

Mas penso acima de tudo em Perdigão Queiroga, os eruditos da Universidade do Tremoço que me perdoem. Porque Queiroga foi um homem-mito da minha infância, a verdade é essa. Um senhor de pala na testa que, caído das nebulosas da Arte, apareceu um dia em Arroios no quintal ao lado do rés-do-chão que eu habitava e que, de máquina em punho, se pôs a filmar a vizinhança, os pombos, as varandas e a gataria à nossa volta. Tudo em mudo, já se vê. Mas, tempos depois, quando ele à noite espalmava um lençol num muro do quintal e fazia passar as imagens domésticas de todos nós, seus vizinhos, a ausência de som tornava mais dramáticas as nossas figuras e fazia-nos interrogar sobre nós mesmos.

Senhor Queiroga da minha infância, o primeiro criador de arte que eu encontrei ao vivo. O primeiro que me fez ver a mim próprio rodeado de mundo e de inquietação. Alguém de mistério e de grandeza, este senhor Queiroga.

E eis que, passados vinte e tal anos ou coisa assim, vou encontrá-lo na Universidade do Tremoço, ladino e batido pelo tempo, a contar com um humor sabidérrio os naufrágios bem sucedidos e as muitas manigâncias que lhe permitiam sobreviver no pântano dourado do Lumiar dos Pais Tiranos. Ouvindo-o e lembrando-o nos tempos da minha infância, era como se estivesse a perder os restos numa inocência que eu julgava há muito perdida. ●